

OPINIÃO E PARCIALIDADE NO JORNALISMO: UMA ANÁLISE DA REPORTAGEM “BEM-VINDO AO ‘SARNEYQUISTÃO’”, DA REVISTA *VEJA*

Por Luciana Grande¹ &
Níncia Cecília Borges Ribas Teixeira²

A ALTERIDADE DOS DISCURSOS

Os discursos estão inseridos no dia-a-dia dos seres humanos de maneira quase que absoluta, seja em textos, em falas, em imagens, em gestos... Eles são ferramentas fundamentais para a sociedade sob as mais diversas perspectivas. Diante disso, um dos campos que mais explora e se utiliza de discursos é o jornalismo, já que engloba textos, vídeos, falas, fotos etc. Por tal razão, materiais de cunho jornalístico são objetos muito ricos em problemáticas que interessem e envolvam a Análise do Discurso (AD). Esta última é definida por Brandão (1997) como o estudo das condições de produção de um enunciado, considerando aspectos lingüísticos e aspectos externos à língua (história, ideologia, fatos sociais etc).

Esse aspecto fica ainda mais evidente quando considerados conceitos como imparcialidade e objetividade no jornalismo, por exemplo, uma vez que a análise de alguns conteúdos – com base em preceitos da AD, tal como o interdiscurso – pode identificar a existência, justamente, do contrário: parcialidade e subjetividade. Há muitas ideologias implícitas (e, às vezes, até mesmo explícitas) em discursos jornalísticos que podem ser identificadas a partir da análise de elementos presentes nas notícias/reportagens.

Essa pesquisa tem como propósito identificar os interdiscursos presentes nos elementos fotográficos e textuais da reportagem “Bem-vindo ao ‘Sarneyquistão’”, veiculada na revista *Veja* do dia 29 de junho de 2011, que discorre acerca do governo de José Sarney e seus partidários no estado do Maranhão durante os últimos 40 anos. Para tal, compreender-se-á os sujeitos em questão, a situação e a memória que faz parte do discurso, já que, segundo Brandão estas são as condições de produção de uma análise dessa natureza.

É importante levar em conta que, a partir da análise, o objetivo é identificar a opinião do sujeito do discurso (no caso, o repórter que assinou a matéria e a própria revista *Veja*) a respeito do que está sendo enunciado, mesmo que tal reportagem não esteja inserida dentro do veículo como texto de cunho opinativo. A matéria “Bem-vindo ao ‘Sarneyquistão’” está incluída dentro da editoria “Brasil”.

¹ Acadêmica de Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste- (Unicentro) - luu_o.o@hotmail.com

² Professora Adjunta do Curso de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste do (Unicentro), Doutora em Letras e pós-doutora em Ciência da Literatura - ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br

JOSÉ SARNEY E REVISTA *VEJA*: APONTAMENTOS

Para amparar a análise acerca de reportagem na revista *Veja* e contextualizar os objetos em questão, serão apresentados dados referentes à carreira política do atual senador José Sarney – personagem central da matéria - e à linha editorial da *Veja* para compreender o posicionamento do veículo em relação ao tema.

José Sarney nasceu em 24 de abril de 1930 na cidade de Pinheiro, situada no interior do Maranhão. Sarney deu início a sua carreira como jornalista quando era adolescente, trabalhando em alguns jornais de São Luís. Mais tarde, cursou a faculdade de Direito.

Porém, foi em 1954 que Sarney deu início à sua carreira mais bem sucedida: a de político. Nessa data ele assumiu o cargo de deputado federal, como suplente. Onze anos mais tarde, em 1965, foi eleito governador do Maranhão e, cinco anos depois, tornou-se senador pelo estado, reelegendo-se em 1978 para o cargo.

Já em 1984, pouco tempo antes da formação da Frente Liberal (comandada pelo Movimento Democrático Brasileiro), Sarney deixou o seu atual partido (o Partido Social Democrata) e se tornou candidato à vice-presidente do Brasil, com Tancredo Neves, do MDB.

No entanto, Tancredo Neves faleceu antes de tomar posse como presidente da república, o que fez de José Sarney o presidente do Brasil entre os anos de 1985 e 1990.

Quando conclui o mandato como governador da nação, Sarney continuou sua residência eleitoral no então recém criado Amapá, onde ocupou o cargo de Senador de 1991 a 2006. Nesse mesmo período, ocupou, também, cargos importantes no cenário nacional, como o de presidente do Senado (de 1995 a 1996 e 2003 a 2004).

No ano de 2007 foi eleito mais uma vez como senador do Amapá. Dois anos mais tarde ocupou novamente o cargo de presidente do Senado, iniciando sua terceira gestão como tal. Em 2011, foi eleito pela quarta vez como presidente da Casa.

Além da carreira como político, José Sarney também construiu carreira como intelectual.

Juntamente com a carreira política o advogado José Sarney buscou consolidar uma carreira de intelectual, como outro alicerce de legitimidade e garantia de trânsito nacional. Em 1952, ingressos na Academia Maranhense de Letras; em 1973 na Academia Brasiliense de Letras; em 1980, na Academia Brasileira de Letras e Academia de Ciência de Lisboa, 1985. (PINHEIRO e PINTO, p.7, 2011)

Além disso, de acordo com Pinheiro e Pinto (2011), Sarney, desde o início de sua carreira política, apostou nos veículos de mídia como aliados para divulgar e

promover suas ações, tendo criado uma série de canais de comunicação ao longo de sua trajetória, tais como a TV Educativa do Maranhão, o programa Conversa ao pé do rádio, a concessão da TV Mirante (atual afiliada de Rede Globo), o jornal O Estado do Maranhão, entre outros. Esses meios de comunicação foram criados com o intuito de assegurar o poder do seu grupo político na região.

A grande audiência do Sistema Mirante e a abrangência dos demais veículos citados demonstram a grande possibilidade de a família Sarney instaurar valores na mídia da região.

A revista *Veja* pode ser definida como uma publicação periódica, com temática e formato variáveis, que se diferenciam do jornal principalmente por ter a impressão e papel de qualidade melhor, utilizar cores e possuir maior liberdade na diagramação. Além disso, por normalmente ter periodicidade semanal ou mensal, a revista tem a possibilidade de realizar uma abordagem mais profunda em relação à dos jornais e telejornais diários.

A *Veja* foi lançada em 1968, trazendo textos extensos e demonstrando pouca preocupação com o aspecto visual. De acordo com Sturm (2010) no início a estrutura da revista não agradou ao público, pois estavam acostumados com as ilustradas O Cruzeiro e Manchete, que davam prioridade para a diagramação e as fotografias. Entretanto, aos poucos, a revista melhorou o seu projeto gráfico, passando a utilizar mais fotos e cores. Com isso, portanto, a *Veja* se adaptou ao mercado.

De acordo com o autor (*apud* Bulawski, 2009), a revista *Veja* superou as dificuldades e os obstáculos quando começou a ser produzida. Isso porque surgiu em um período em que o Brasil passava por grandes mudanças, como a modernização da economia, a industrialização, a urbanização, o aumento do poder aquisitivo da classe média, o crescimento da indústria cultural e da publicidade etc.

Atualmente, a revista *Veja* trata quase que exclusivamente de cobertura política e fatos relevantes que influenciam no dia a dia da sociedade.

Segundo Sturm (*apud* Scalzo), atualmente “a *Veja* é a revista mais vendida e lida do Brasil, a única revista semanal de informação no mundo a desfrutar de tal situação”. Já para Vogt (2009), a revista, tal como qualquer veículo de comunicação, tem uma maneira particular de enunciar e busca legitimar, em cada edição, suas próprias marcas discursivas. Porém, muitas vezes, acaba por incorporar uma linguagem peculiar ao veículo e deixa de lado o compromisso com a linguagem jornalística. Tradicionalmente, um jornalismo sério deve buscar a imparcialidade (demarcada pela apresentação dos vários lados da notícia), pela valorização do interesse público e pela ética.

Sturm, ao mencionar os estudos de Benetti (2007), explica que um dos fatos que mais tem intrigado os pesquisadores é a capacidade de produção de sentidos da revista.

A *Veja* não se encaixa nos gêneros tradicionais de texto jornalístico, principalmente na distinção entre jornalismo informativo e opinativo. Embora carregado de informação, seu texto é fortemente permeado pela opinião, construída por meio de adjetivos, advérbios e figuras de linguagem. A revista construiu, de si mesma, uma forte imagem de legitimidade para produzir conhecimento, diante de um suposto não-saber dos leitores, da população em geral e, em certos momentos, das próprias fontes. (STURM *apud* BENETTI, 2007).

O PODER DO INTERDISCURSO

A linguagem, de acordo com Brandão (1997), é usada automaticamente no cotidiano. No entanto, diante de situações mais complexas, comunicar-se passa a exigir maior esforço e conhecimento linguístico do locutor. Quando se produz a linguagem, são produzidos discursos (atividades de comunicação entre interlocutores que geram diferentes sentidos).

Além disso, o emissor e o receptor pertencem a determinados grupos e, por essa razão, carregam em seus enunciados determinadas crenças, o que demonstra ideologias implícitas ou explícitas. Por isso, não existe um discurso imparcial. Esse aspecto fica bastante evidente em todos os elementos de uma reportagem publicada na revista *Veja*, no dia 29 de junho de 2011, intitulada “Bem-vindo ao Sarneyquistão”.

A matéria discorre de maneira parcial e até mesmo agressiva sobre o histórico do governo da família Sarney no Maranhão. Ocupando duas páginas da edição, apresenta elementos como título, linha fina, fotos, legendas, infográficos e o próprio texto em si, que carregam consigo ideologias e relações interdiscursivas, deixando implícita a opinião do sujeito do discurso (no caso, a revista *Veja*, com assinatura do repórter Leonardo Coutinho).

Nas fotografias selecionadas para compor o aspecto ilustrativo da reportagem, fica clara a relação interdiscursiva com um evento histórico da humanidade, a fim de gerar um sentido que demonstra determinada ideologia. O emissor se vale de elementos fotográficos para evidenciar a sua opinião acerca do que está sendo enunciado no texto. A foto principal é do ex-governador do Maranhão José Sarney, que aciona uma memória discursiva no receptor da mensagem.

Todo discurso se constrói numa rede de outros discursos; em outras palavras, numa rede interdiscursiva. Nenhum discurso é único, singular, mas está em constante interação com os discursos que já foram produzidos e estão sendo produzidos. Nessa relação interdiscursiva (com outros discursos), quer citando, quer comentando, parodiando esses discursos,

disputa-se a verdade pela palavra numa relação de aliança, polêmica ou de oposição. (BRANDÃO, 1997, p.5)



Figura1: Foto publicada na revista *Veja* de 29/06/2011, edição 26, p.78

A pose de Sarney pode ser associada a Napoleão Bonaparte, que foi um imperador da França durante o início do século XIX, tendo se envolvido em uma série de conflitos com outros países europeus. Apesar de sua ótima campanha nas guerras, com táticas bastante inteligentes e elaboradas, foi derrotado ao atacar a Rússia, em 1812. Esse governante foi um personagem muito importante e marcante para humanidade, sendo lembrado como alguém severo e imponente.

Além de sua trajetória como militar e imperador francês, Napoleão Bonaparte também é identificado por uma maneira bastante peculiar ao posar para seus retratos. Esta pose passou a ser uma de suas marcas registradas: metade da mão posicionada dentro da camisa.



Figura 2: Napoleão Bonaparte em sua pose clássica (disponível em www.alina-omeublogdehistoria.blogspot.com)

A partir da análise comparativa entre a imagem dessas duas personalidades, fica clara a intenção do sujeito do discurso em se valer dos elementos ilustrativos da reportagem para expressar uma opinião, já que, muitas vezes, as fotos selecionadas pelos jornalistas para compor as matérias têm como finalidade complementar o que está sendo enunciado. As fotografias não servem meramente como ilustrações, principalmente em reportagens de cunho político. A revista *Veja* se vale com frequência deste tipo de recurso para ironizar certas figuras políticas, como é o caso de Sarney.

Na tese “A revista *Veja* e a desconstrução da imagem do senador José Sarney durante a crise do Senado brasileiro em 2009”, Evandro Antonio Sturm discorre sobre a capacidade conotativa da imagem fotográfica e, especificamente, a forma como a *Veja* se utiliza disso. Ao citar as ideias de Benetti (2009), o autor destaca que:

[a] *Veja* utiliza-se da ironia para exercitar o poder de dizer: “isto é imoral, grotesco ou simplesmente ridículo”. [...] A autora salienta também o fato da revista expor sua visão debochada em diversos momentos, como na escolha das fotografias que ilustram as reportagens, em grande parte salientando poses ridículas de figuras públicas com a intenção de desqualificá-las. (STURM *apud* BENETTI, p.39)

Nesse caso, ao escolher especificamente essa foto (provavelmente diante de várias outras disponíveis no banco de imagens), o sujeito do discurso teve por objetivo acionar um interdiscurso no leitor, a fim de relacionar a figura de Sarney ao posto de imperador do Maranhão. Isso fica ainda mais claro ao observar a outra imagem colocada logo acima, em que aparece um local no estado permeado pela miséria e o subdesenvolvimento. Portanto, Sarney, em sua postura imponente – semelhante à de Napoleão Bonaparte – está admirando o império de pobreza que, conforme a construção da reportagem, leva a crer que foi resultado de seu governo.

Sturm (2010), ao mencionar os estudos de Fabricio (2009), explica que a fotografia jornalística é capaz de conter em si signos repletos de sentidos que circulam em determinadas culturas. Esses signos são evidenciados por meio da linguagem fotográfica, que é composta por elementos como enquadramento, pose, plano, ângulos, sombras etc, capazes de realçar o sentido daquilo que está sendo retratado.

Portanto, a relação interdiscursiva existente entre a imagem e um elemento histórico produz um efeito de sentido ideológico na mensagem, o que demonstra a opinião do sujeito do discurso acerca do que está enunciando. Dessa forma, pode-se identificar uma formação ideológica evidenciada por meio de uma formação discursiva que demonstra oposição ao governo da família Sarney no estado do Maranhão. De acordo com Brandão (1997) uma formação ideológica consiste em um conjunto de

atitudes, representações ou imagens que o emissor possui a respeito de si próprio, do interlocutor e do assunto em questão.

A formação discursiva se define pela sua relação com a formação ideológica, isto é, os textos que fazem parte de uma formação discursiva remetem a uma mesma formação ideológica. A formação discursiva determina “o que pode e deve ser dito” pelo falante a partir do lugar, da posição social, histórica e ideológica que ele ocupa. (BRANDÃO, 1997, p.07)

A existência de uma formação discursiva, então, é articulada em nível de um interdiscurso que se liga a uma memória discursiva, exatamente como ocorre na reportagem “Bem-vindo ao Sarneyquistão”, quando consideradas as imagens fotográficas escolhidas para acompanhar o texto. Nessa acepção, Guerra (2011) explica que o sujeito emissor não é o centro e nem a fonte do seu discurso, visto que é determinado sempre por discursos alheios, mesmo que não perceba. É nesse sentido que a memória discursiva atua: ela consiste num conjunto de sentidos já consolidados na consciência do indivíduo, fixados na sociedade e que são reativados por meio do interdiscurso. A autora define que a memória discursiva “diz respeito às formas significantes que levam uma sociedade a interpretar-se e a compreender-se através dessa interpretação” (GUERRA *apud* GREGOLIN, 2011, p.04).

Além das fotografias, vários elementos presentes no texto da reportagem também carregam consigo formações ideológicas implícitas, principalmente no que se refere aos adjetivos e termos, haja vista que também possuem características interdiscursivas. Esses elementos atuam, ainda, nos efeitos de sentido que o discurso proporciona ao sujeito receptor, conduzindo a uma interpretação pré-estabelecida acerca do tema.

Segundo Braga (*apud* Pêcheux, 1988) o sentido de determinado discurso ou enunciado é definido por meio das posições sócioideológicas que fazem parte do processo sócio-histórico em que a linguagem é reproduzida. Esta, por sua vez, tende a mudar de sentido conforme as ideologias que possuem aqueles que a empregam. Dessa forma, portanto, entende-se que o efeito de sentido em um enunciado é determinado de acordo com a ideologia presente nos sujeitos, que estão inscritos em um processo de interlocução, como ocorre na reportagem “Bem-vindo ao Sarneyquistão”, publicada na revista *Veja*.

Já no título da matéria, pode-se observar uma formação discursiva a nível de interdiscurso que transpassa uma ideologia. O neologismo “Sarneyquistão” remete, automaticamente, aos países do Oriente Médio, marcados pelas guerras e exploração de seus recursos. O sufixo “istão”, isoladamente, em algumas línguas da Ásia Central significa “terra de ou do”. Sendo assim, o Kazaquistão é a terra de origem dos povos kazares, o Uzbequistão dos Uzbek e assim por diante. Portanto, o “Sarneyquistão”

seria a terra da família Sarney e não dos povos que realmente habitam o local, no caso, os maranhenses. Essa explicação está contida no corpo do texto da própria reportagem.

A linha fina da matéria traz, também, dois substantivos que carregam em seus significados ideologias implícitas: “Em quase cinco décadas de **domínio**, o **clã** Sarney pouco fez para tirar o Maranhão do subdesenvolvimento e da pobreza” (grifos do autor). Segundo o Dicionário Brasileiro Globo, de 2001, domínio quer dizer dominação; poder; autoridade; território extenso, pertencente a um indivíduo ou a um Estado; posse; senhorio; esfera de ação; alçada. Então, o uso da palavra leva o leitor à interpretação de que a família Sarney exerce poder sobre o Maranhão e que este pertence à mesma. Já o substantivo “clã”, segundo o dicionário, consiste em um conjunto de famílias que têm ou presumem ter uma descendência comum, grei, partido, facção. Essa palavra demonstra que José Sarney não é o único detentor do poder na região, mas conta com aliados que possuem descendência em comum com ele. Portanto, há uma determinação histórica no emprego dessas palavras.

O sentido não está já fixado como essência das palavras, nem tampouco pode ser qualquer um: há a determinação histórica. [...] quando afirmamos que há determinação histórica dos sentidos, não estamos pensando a história como evolução e cronologia: o que importa não são as datas, mas os modos como os sentidos são produzidos e circulam no interior de uma dada formação discursiva. (GUERRA, p.07, 2011)

Ao mesmo tempo, um pouco abaixo da linha fina, há a legenda da foto de José Sarney: “O **chefão**: José Sarney no poder desde 1965. E para os maranhenses, nada?” (grifo do autor). O uso da palavra em destaque leva a crer que, apesar do governo de Maranhão não ter estado sempre sob liderança direta de Sarney, ele sempre “chefiou” o suposto “clã” (palavra já mencionada na linha fina) formado pela sua família.

No texto da matéria alguns termos e frases deixam ainda mais evidente a opinião desfavorável do veículo *Veja* em relação a José Sarney.

No trecho “Há 46 anos o presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), ao lado de sua família e **apaniguados**, comanda o estado, que, segundo o Censo 2010, abriga 32 dos cinquenta municípios mais **miseráveis** do país” (grifos do autor), os termos em destaque demonstram a ideologia do autor perante o tema. Conforme apresenta o Dicionário Brasileiro Globo (2001), apaniguado é um substantivo masculino que significa protegido, afilhado, partidário. Dessa forma, entende-se que além dos integrantes da família Sarney, ele conta com o apoio de outros “protegidos”, o que confere caráter ideológico e opinativo ao enunciado. Já a palavra “miserável” se refere a algo caído na miséria, digno de compaixão, o que desqualifica totalmente a situação atual do estado do Maranhão.

Mais a frente, no trecho “Quando Sarney chegou pela primeira vez ao poder, no **longínquo** ano de 1965” (grifo do autor), há a presença de um adjetivo que reforça a ideia central da reportagem. Longínquo, de acordo com o dicionário, significa remoto, distante, afastado. Isso, portanto, reafirma a ideia de que Sarney está no comando do governo maranhense há muito tempo. É importante ressaltar que tal adjetivo não é necessário dentro da frase; foi usado como um complemento, o que confere caráter totalmente parcial ao enunciado.

Logo adiante, na frase “O ‘Sarneyquistão’ continua ostentando os indicadores sociais mais **vexatórios** do país, comparáveis aos das nações mais desvalidas do planeta” (grifo do autor) o termo destacado é, também, um adjetivo que deixa explícita a opinião do sujeito do discurso sobre o assunto. Segundo o dicionário, “vexatório” significa vergonhoso, o que desqualifica ainda mais a situação do estado do Maranhão. A título de exemplo, outra construção possível dessa frase sem a utilização desse termo, seria “indicadores sociais mais baixos do país” ou “menores indicadores sociais do país”, o que levaria o próprio leitor a tirar as suas conclusões diante dos números, já que a matéria apresenta um infográfico para validar a afirmação.

Na parte final do texto, o autor explica que o “clã Sarney” só perdeu o domínio sobre o Maranhão apenas uma vez, quando Jackson Lago derrotou Roseana Sarney em 2006, quando ela concorria ao terceiro mandato como governadora do estado. Lago, no entanto, teve o mandato cassado em 2009 e faleceu em abril de 2011. Sobre esse fato, o autor menciona que: “Lago teve o mandato cassado por compra de votos. Morreu há três meses, não sem antes ver o seu adversário **ressurgir das cinzas**. Com o apoio do ex-presidente Lula, Sarney engajou o PT no projeto de **perpetuação de seu clã**. [...] O Maranhão não merecia mais essa **praga**” (grifos do autor).

Na primeira expressão em destaque, há um interdiscurso com um elemento da mitologia grega, a Fênix. Ela consistia em um pássaro que, quando morria, entrava em autocombustão e, depois de algum tempo, renascia das próprias cinzas. Portanto, fica clara a intenção em mostrar que mesmo derrotado, Sarney foi capaz de se reerguer e conquistar novamente a liderança do Maranhão.

Já em relação ao segundo termo destacado no trecho – “perpetuação de seu clã” – o Dicionário Brasileiro Globo traz o significado do verbo perpetuar como:

v. tr. dir. Fazer durar para sempre ou por longo tempo; tornar perpétuo; propagar, dar sucessão por muito tempo a: *perpetuar a espécie*; dar forma imorredoura a; imortalizar [...] conservar; transmitir para sempre; eternizar-se; transmitir-se de geração a geração; suceder-se. (Do lat. *perpetuare*)
(REFERENCIA DO DICIONARIO)

É possível observar que todas as definições apresentadas pelo dicionário sobre a palavra condizem com a opinião - já demonstrada - do autor e, conseqüentemente,

da revista *Veja* a respeito do governo de Sarney e seus partidários no Maranhão. Ou seja, reforça a ideia de que eles estão há um longo tempo sob comando do estado, tanto que ele foi chamado de “Sarneyquistão” pelo autor. Ao mesmo tempo, entende-se que, a partir da aliança descrita no texto, o “clã Sarney” tende a permanecer por ainda mais tempo no poder.

No último termo em destaque no trecho, fica ainda mais evidente a ideia acerca de Sarney e também sobre o PT (Partido dos Trabalhadores). Ao mencionar a aliança feita entre Sarney e o ex-presidente Lula, o autor se refere a ambos como uma “praga”, afirmando que o Maranhão não merecia isso. Conforme explica o Dicionário Brasileiro Globo, praga quer dizer impreciação de males contra alguém, maldição, calamidade, grande desgraça, abundância de coisas prejudiciais ou desagradáveis, pessoa ou coisa importuna. Dessa forma, é notória a ideologia do autor e da *Veja*, desfavorável tanto a Sarney quanto a Lula e ao PT como um todo. A revista *Veja* é normalmente identificada como um veículo de direita, em razão do conteúdo político veiculado. Essa reportagem, levando em conta todos os elementos presentes, evidencia ainda mais esse aspecto.

Nesse sentido, Braga (*apud* Santos, 2002) afirma que a instância enunciativa sujeitucional é uma alteridade de instâncias-sujeito contidas em um processo enunciativo.

Para compreender as instâncias-sujeito, contudo, é necessário analisar os conceitos de lugar social e lugar discursivo definidos por Pêcheux (1988). O primeiro consiste num local ocupado por um indivíduo empírico, “real”, que possui nome, sobrenome, família etc. Quando esse mesmo indivíduo é posto em contato com ideologias por meio de relações sociais, ele passa a fazer parte de um lugar discursivo, tornando-se, dessa forma, um sujeito.

A instituição midiática *Veja* configura-se como instância enunciativa sujeitucional à medida que, inscrita em determinada ideologia, deixa de ocupar o lugar social de veículo de informações e passa a ocupar um lugar discursivo de apoio a determinadas candidaturas. (BRAGA, 2010, p.31)

Ao passar por esse procedimento, o veículo começa a funcionar como uma instância-sujeito, já que assume um posicionamento de acordo com as ideologias que possui. Dessa forma, é capaz de construir sentidos que mostram o lugar discursivo do que ele enuncia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imparcialidade e a objetividade muitas vezes são associadas ao jornalismo. Há quem diga que essas devem ser as qualidades do “bom” jornalismo. No entanto, esta é uma concepção equivocada, visto que todo discurso contém em si falas de outros discursos, como descreve Brandão (1997) o que confere aos enunciados características pessoais do sujeito do discurso e realça a subjetividade deste.

O sujeito do discurso é um sujeito ideológico, isto é, sua fala reflete os valores, as crenças de um momento histórico e de um grupo social. (...) Na sua fala outras vozes também falam, o sujeito do discurso se forma, se constitui nessa relação com o outro, com a alteridade. (BRANDÃO, 2010, p.09)

A reportagem “Bem-vindo ao ‘Sarneyquistão’”, veiculada na edição de 29 de junho da revista *Veja*, é um exemplo claro da parcialidade presente nos discursos jornalísticos. Com base na análise de alguns elementos fotográficos e textuais utilizados na composição da matéria foi possível identificar as ideologias implícitas e, em alguns casos, explícitas, do sujeito do discurso acerca do tema enunciado.

A partir dos conceitos de interdiscurso e memória discursiva foi possível estabelecer uma correspondência entre a pose de José Sarney na fotografia escolhida para ilustrar a reportagem e a pose clássica do antigo imperador da França, Napoleão Bonaparte. Esse aspecto interdiscursivo permite identificar a ideologia do autor a respeito do assunto, ou seja, a de que José Sarney ostenta uma postura semelhante a de um imperador para o Maranhão, já que, de acordo com o texto, ele (e sua família) estão há mais de quatro décadas no poder do estado.

Além disso, alguns termos utilizados no texto da reportagem carregam consigo ideologias que também expressam a opinião do autor e, conseqüentemente, do veículo *Veja*, sobre o governo de José Sarney e seus partidários.

É importante ressaltar que, embora tais traços interdiscursivos e ideológicos tenham ficado evidentes após a análise, a reportagem não está inserida na revista como coluna de opinião ou alguma editoria do gênero. A matéria “Bem-vindo ao ‘Sarneyquistão’” foi incluída na editoria “Brasil”, o que tende a levar o leitor a crer que o texto expressa puramente um fato referente ao território brasileiro, sem considerar, em um primeiro momento, as fortes evidências de ideologias e opiniões existentes no discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Camila F. *A instituição midiática Veja e a produção de sentidos referentes aos candidatos à Presidência da República*. Disponível em:

http://www.unipam.edu.br/crtilo/images/stories/file/artigos/2010_3/a_instituicao_midiatica_veja_e_a_producao_de_sentidos.pdf. Acesso em: ago/2011

BRANDÃO, Helena H. N. *Analisando o discurso*. Disponível em: www.museudalinguaportuguesa.org.br. Acesso em: abr/2011

FERNANDES, Francisco Org. *Dicionário Brasileiro Globo*. 57 ed. São Paulo: O Globo, 2001

GUERRA, Vânia M. L. *Uma reflexão sobre alguns conceitos da análise do discurso de linha francesa*. Disponível em: www.bit.ly/je6YfN. Acesso em: jun/2011

PINHEIRO, A. Roseane e PINTO, A. Pâmela. *De Orico Mendes a José Sarney: recortes da imprensa política no Maranhão nos séculos XIX e XXI*. Disponível em: www.unipam.edu.br/crtilo/images/stories/file/artigos/2010_3/a_instituicao_midiatica_veja_e_a_producao_de_sentidos.pdf. Acesso em: ago/2011

STURM, Evandro A. *A revista Veja e a desconstrução da imagem do senador José Sarney durante a crise do senado brasileiro em 2009*. Disponível em: <http://lapecjor.files.wordpress.com/2011/04/evandro-antonio-sturm.pdf>. Acesso em: set/2011

VEJA, Ed. 2223, Editora Abril, 2011

Recebido em 09/01/2012.

Aceito em 21/06/2012.